

SIMONI ANGELICA RODRIGUES

MOTIVAÇÃO NA INICIAÇÃO DESPORTIVA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1996

SIMONI ANGELICA RODRIGUES

MOTIVAÇÃO NA INICIAÇÃO DESPORTIVA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Professor Orientador Wagner de Campos

SUMÁRIO

RESUMO	IV
1.0 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	1
1.3 OBJETIVOS	1
2.0 REVISÃO DA LITERATURA.....	3
2.1 MOTIVAÇÃO	3
2.2 MOTIVAÇÃO NA CRIANÇA.....	5
2.3 MOTIVAÇÃO NA INICIAÇÃO DESPORTIVA	8
2.3.1 DESEJO DE SER APRECIADO	9
2.3.2 AUTO-REALIZAÇÃO.....	10
2.3.3 INFLUÊNCIAS DA TORCIDA.....	13
2.3.4 RECOMPENSA COMO MOTIVADOR.....	14
2.3.5 MOTIVOS PESSOAIS.....	17
3. CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

RESUMO

Neste trabalho aborda-se a motivação da criança, dando ênfase na motivação na iniciação desportiva. Aqui são abordados os fatores que fazem com que a criança inicia um desporto, sua permanência e o conseqüente abandono.

O desejo de ser apreciado é um dos fatores importantes na iniciação desportiva, segundo SAWREY (1976) nós seres humanos, não desejamos apenas nos socializar com os outros, queremos ser adulados, receber elogios. O desejo de ser apreciado é uma necessidade de aceitação de se sentir apreciado.

Outro fator estudado é a auto-realização, MASLOW (1971) cita a auto-realização, como um desejo que a pessoa tem de tornar-se cada vez melhor.

Neste estudo foram analisados quais as influências que os torcedores passam para o atleta, o que a torcida contribui ou prejudica o atleta iniciante.

A recompensa é outro fator importante na iniciação desportiva, vários autores estudados, relatam sobre os cuidados que devemos tomar ao recompensarmos os atletas iniciantes.

Os motivos pessoais como o stress de competição citados por OLIVEIRA (1993) a falta de motivação interna, a comparação entre a criança são alguns fatores que fazem com que a criança abandone o desporto.

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

Vemos milhares de escolinhas de iniciação desportiva sendo abertas ao público, e o alvo destas escolinhas são as crianças e adolescentes. Geralmente os técnicos e professores dessas escolinhas não dão a devida importância a motivação na iniciação desportiva, e acabam vendo crianças que mal iniciam o desporto abandonarem por falta de motivação. Devido a isso surge a questão:

Quais são os fatores motivacionais que influenciam a criança no processo de iniciação desportiva? Especificamente quais as causas da manutenção da participação e do abandono da prática desportiva durante o período da infância e adolescência.

1.2 JUSTIFICATIVA

Trazer ao conhecimento dos profissionais da área de Educação Física a importância da motivação na iniciação desportiva, assim como os fatores motivacionais que fazem com que as crianças iniciem e permaneçam no desporto e também o seu conseqüente abandono. Para que desta forma o profissional coloque em prática esse conhecimento e trabalhando de forma correta e mantendo essa criança ou adolescente motivado para a prática esportiva, faça com que não ocorra o abandono, e essa prática realizada de uma forma mais prazerosa.

Devido a falta de literatura e pesquisas na área da motivação desportiva, o presente trabalho vem fornecer subsídios para os profissionais.

1.3 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Identificar quais os fatores que interferem na motivação na iniciação desportiva, também o que mantém crianças e adolescentes na prática esportiva e o conseqüente abandono.

OBJETIVO ESPECÍFICO

1. Abordar de modo geral a motivação na criança e adolescente.

2. Identificar como o desejo de ser apreciado influencia o processo de iniciação desportiva.
3. Analisar quais as influências que o incentivo da torcida tem sobre o atleta iniciante.
4. Verificar se as recompensas auxiliam ou prejudicam no aumento da motivação na iniciação desportiva.
5. Levantar qual a importância da auto-realização durante a prática esportiva.
6. Classificar quais os motivos pessoais mais importantes que determinam a prática esportiva e o seu abandono.

2.0. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. MOTIVAÇÃO

Reverendo vários autores (KELLY 1969, SAWREY e TELFORD 1976, PUENTE 1982.) pode-se notar que o conceito de motivação é algo que incita o movimento. Como em Sawrey (1976, p.17) “A palavra motivar significa provocar movimento”

Para Maslow a motivação ainda não encontrou o seu conceito adequado .

“Sou motivado quando sinto desejo, ou carência, anseio ou falta. Ainda não foi descoberta qualquer estado objetivamente observável que se relacione decentemente com essas informações subjetivas, isto é ,ainda não foi encontrada uma boa definição comportamental de motivação”(MASLOW , citado por PUENTE, 1982, p.27.).

Para NÉRICI (1971, p. 220) “motivação e o processo que provoca certo comportamento mantém a atividade ou a modifica.”

Segundo o autor motivação é quando o professor proporciona uma situação que induz o aluno a um esforço intencional, para alcançar um objetivo.

“Os propósitos da motivação consistem em despertar o interesse, estimular o desejo de aprender e dirigir esforços para atingir metas definidas.” (NERICI, 1971, p. 220)

Segundo KELLY (1969): “ O motivo é qualquer consideração pela qual um ato é realizado. É o que leva uma pessoa a praticar uma ação, é a razão pela qual o ato é realizado e inclui tudo o que, de alguma maneira influencie a vontade. Indica todos os fatores e condições que iniciem e sustente atividade ou o comportamento.”

Os motivos podem ser considerados como os aspectos dinâmicos para o aprendizado, toda pessoa que tiver um motivo, um desejo para aprender ,vai fazer com que o processo se torne mais eficaz.. Alguns psicólogos afirmam que todo comportamento é motivado.

SAWREY e TELFORD (1976) coloca que provavelmente , não há ninguém inteiramente sem motivação desinteressado ou distraído. Motivação, interesse, atenção são aspectos inerentes a vida

A motivação pode ser intrínseca ou extrínseca .A motivação intrínseca esta relacionada com fatores internos. Segundo SAWREY e TELFORD (1976, p. 54): “A motivação intrínseca, derivando da satisfação inerente à própria atividade ,está sempre presente e é sempre eficiente. Ela representa o mais alto e o mais desejável nível de motivação”.

Para NÉRICI (1971) a motivação intrínseca é quando o aluno realiza ou executa algo pelo interesse que a própria atividade lhe desperta, por gostar de executar esta atividade.

“ Esta é a motivação mais autêntica. É a que se afasta dos artificios.”

(NÉRICI, 1971 p. 222)

A motivação extrínseca está relacionada com fatores externos ao indivíduo , esforços que são realizados para obtenção de prêmios materiais e sociais. Para SAWREY e TELFORD (1976, p.54.) a motivação extrínseca, devia ser interpretada como expediente temporário a ser usado até que o entusiasmo se associassem ao processo da aprendizagem, e a motivação se tornassem intrínseca..

Segundo NÉRICI (1971) a motivação extrínseca, é quando o estímulo não guarda relação direta com a atividade realizada ou quando o motivo de execução da atividade, por parte do aluno, não é a atividade em si. Exemplos: esperança em obter recompensas.

Maslow estudou a motivação , partindo do que ele chamou de Necessidades Humanas básicas: fisiológicas, segurança, amor, estima, auto-realização .

Essas necessidades estão colocadas hierarquicamente em uma pirâmide onde as necessidades fisiológicas estão no início, e assim sucessivamente até chegar ao ponto mais alto da pirâmide, onde se encontra as necessidades de auto-realização.

- Necessidades fisiológicas - alimento , agasalho, sono, sede.

“Uma pessoa que carece de alimento , segurança amor e estima , desejará provavelmente, alimento acima de tudo”.(MASLOW , citado por BALÇÃO e CORDEIRO, 1971, p. 342).

- Necessidades de segurança - proteção , desejo de estabilidade .

Segundo PUENTE (1982) esse tipo de necessidade se observa com mais frequência em crianças , pois o adulto foi ensinado a inibir a reação a ameaças e perigos . A criança necessita de um mundo organizado e previsível ao seu redor para se desenvolver bem..

- Necessidades de amor (sociais)- necessidades de amor , de amizade , afeto.

“É quando a pessoa sente necessidades de laços afetivos com os demais , necessita obter um lugar em seu próprio grupo e no mundo”. (PUENTE , 1982, p. 23).

- Necessidade de estima - desejos de alta confiança ,reconhecimento, prestígio.

Maslow diz que as pessoas mostram duas categorias relativas as necessidades de estima : a auto-estima e o respeito por parte dos outros (MASLOW , citado por BALÇÃO e CORDEIRO, 1971, p. 351) .

Se a pessoa consegue realizar as necessidades de auto-estima ela sente forte, capaz.. Se isso não acontece , se sente diminuída, incapaz.

- Necessidade de auto-realização : enriquecimento pessoal , realizar-se.

“O desejo de a pessoa tornar-se sempre mais do que é, e de vir a ser tudo que pode ser “. (MASLOW citado por BALÇÃO e CORDEIRO , 1971, p . 352)

Toda vez que é satisfeita parcialmente ou totalmente uma necessidade outra surge, por exemplo : quando é satisfeita a necessidade fisiológica surge a necessidade segurança.

“A satisfação de uma necessidade e sua consequente remoção do centro do palco provocam não um estado de repouso ou de apatia estóica , mas antes o aparecimento , na consciência, de outra necessidade mais alta , a carência e o desejo continuam mais em nível superior”. (MASLOW citado por BALÇÃO e CORDEIRO, 1971, p.350)

2.2. MOTIVAÇÃO NA CRIANÇA E NO ADOLESCENTE

A motivação na criança é causada por razões e de modos diferentes do que no adulto, daí a necessidade de entendermos como ela acontece na criança.

Segundo VERNON (1973). As crianças começam a sentir prazer em sua competência pessoal ao executar uma tarefa específica e pesar e vergonha quando fracassa isso acontece na idade de três, três anos e meio. Recorre com menos frequência à ajuda de adultos; a experimentação de sua competência torna-se sua própria recompensa.. Na idade de 4 - 5 anos as crianças esforçam-se mais procurando vencer o fracasso, às vezes decidem evitar a situação, ou negar ou ocultar o fracasso.

MASLOW citado por BALÇÃO e CORDEIRO (1971, P. 357) relata que “aparentemente, as crianças de pouca idade se desenvolvem melhor num sistema que tenha pelo menos alguma rigidez, algum plano, alguma rotina ,algo que possam confiar, não somente no presente, mas também no futuro.”

Segundo o autor essa preferência da criança por um tipo qualquer de rotina ou ritmos ininterruptos e devido a sua necessidade de segurança.

Para VERNON (1973) as diferenças individuais na motivação da realização começam a aparecer entre 5 e 6 anos, nos graus de dificuldades das tarefas que as crianças procuram executar.

As crianças que tem maior grau de motivação de realização, escolhem tarefas mais difíceis para realizar, as que tem menor grau de motivação de realização escolhem tarefas mais fáceis.

“A medida que a idade avança, os fracassos são mais facilmente tolerados, fazendo-se maiores tentativas para superá-los”. (VERNON, 1973, p. 49).

Segundo VERNON (1973, p.65) a medida que a motivação de realização desenvolve o mesmo também se dá com a competição e a rivalidade . Em crianças de até 5 anos de idade ,a competição entre elas, é um motivo para que ocorra a persistência na execução de tarefas difíceis.

O autor ainda ressalta que para a criança nesta idade, a competição entre elas, torna-se um fator mais motivante que os elogios ou recompensas de um adulto. Isso ocorre com mais frequência em crianças que são incentivadas para o sucesso.

Segundo RODRIGUES (1976), dos 7 aos 8 anos a criança necessita da aprovação dos outros, precisa sentir-se valorizada e livre. Nesta fase a criança é curiosa, insaciável e se apega muito ao grupo, tem grande respeito ao adulto que a dirige, e isso pode ser usado na sua aprendizagem. Na idade de 9 e 11 anos, a motivação na criança acontece de forma parecida com a faixa etária, só que de forma mais rica e complexa. Nesta fase a criança é menos receptiva, mais agressiva e especialmente distante. Esta é uma fase eminentemente operacional, onde os interesses estão ligados às experiências diretas.

“Eles querem fazer e se a ação lhes é de todo impossível, eles querem, ao menos ver e não só ouvir.” (RODRIGUES, 1976, p. 175).

VERNON (1973, p. 66) afirma que, “a motivação é cada vez mais modificada a medida que a criança cresce . Certos tipos de motivação tornam-se intimamente associados ao eu, à afirmação do eu , e a proteção deste contra a ameaça e a humilhação. Isto depende da capacidade da criança de atingir a consciência de si mesma como pessoa e de sua identidade distinta, que é relativa à sua consciência dos outros, com seus desejos e temores distintos.”

Para VERNON (1973) a partir dos dez anos , a disposição em participar de tarefas auto-impostas aumenta. Mas os sentimentos de auto-estima não dependem apenas da idade, estes são maiores em crianças que acreditam serem valorizados e aprovados pelos pais, e menores em crianças que tenham sido desamadas ou rejeitadas. A auto-estima também é afetada pelo relacionamento em grupos sociais. Ela tende a ser maior naquelas que pertencem à classe social mais elevada e que tenham bom desempenho na escola e sido líderes de clubes.

RODRIGUES (1976) relata que a adolescência é um período de muita ansiedade e perguntas, nesta fase o jovem tem grande necessidade de auto afirmar-se de ser valorizado, de obter respostas, de amar e ser amado, de contar com o respeito e a confiança dos outros.

Segundo LUELLA COLE citado por NÉRICI (1971, p. 225) os motivos dominantes no adolescente norte- americano são os seguintes:

a) no adolescente	b) na adolescente
1 - esporte	1 - viagem
2 - viagem	2 - cinema
3 - televisão	3 - roupas
4 - rádio	4 - rádio
5 - cinema	5 - sexo oposto
6 - animais de estimação	6 - dança
7 - coleção	7 - compromissos sociais
8 - sexo oposto	8 - leitura
9 - família	9 - família
10 - Associação Cristã de Moços	10 - escola
11 - leitura	11 - atividades extra-classe
12 - escola	12 - música

Outro fator importante na motivação infantil é a motivação intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca como já vimos são fatores internos no indivíduo e a extrínseca fatores externos (prêmios, recompensas). Deve-se tomar certos cuidados com a motivação extrínseca, pois ela em demasia, e sem controle, pode diminuir a motivação intrínseca..

Segundo CRATTY (1984) estudos realizado indicaram que, a aplicação constante de recompensas externas para crianças que anteriormente estavam interessadas na realização pela própria realização, poderiam, nessas condições, tornar-se muito pouco motivadas intrinsecamente.

“Julga-se que as crianças motivadas intrinsecamente, têm mais probabilidade de ser mais persistentes, apresentar níveis de desempenho mais alto e realizar mais tarefas do que as que requerem reforçadores externos. (THOMAS e TENNANT, citados por CRATTY, 1984, p.150).

Segundo VERNON (1973) outro tipo de comportamento social motivado e a liderança, ela surge bem cedo na infância até mesmo aos três anos de idade. Geralmente as crianças mais forte e dominante tende a liderar. Mas à medida que o entendimento social se desenvolve, tais crianças podem não mais ser aceitas como líderes, e o líder, será uma criança que demonstre alguma compreensão dos desejos dos demais, e capacidade de escolher atividades que todos apreciem.

Ainda VERNON (1973) diz que não pode haver dúvidas de que sejam inatas as motivações sociais, as crianças desde a mais tenra idade manifestam fortes desejos de afeição e íntimo contato pessoal com a mãe, e , mais tarde, de outras relações sociais na quais possam ser aceitas ou aprovadas e sentir-se “integradas”.

2.3 MOTIVAÇÃO NA INICIAÇÃO DESPORTIVA

Várias crianças estão iniciando em alguma atividade física. Devido a esse aumento pela procura do desporto, estão surgindo novas escolinhas de iniciação desportiva. Esta iniciação ao desporto não acontece por acaso. Devem ser considerados vários fatores que determina a motivação da criança ao desporto, sua participação e o conseqüente abandono.

Um fator deve ser observado e o que diz respeito a competição entre crianças e adolescentes, já que uma vez dentro da escolinha ou clube a criança dificilmente não participará de competições.

DECON citado por COSTA (1989) afirma que o esporte competitivo deveria ser proibido para crianças com menos de 12 anos, pois maior perigo, está nos pais que desejam que seus filhos se destaquem e conseqüentemente super estimulam as crianças a participarem em competições.

GREENDORFER citado por COSTA (1994) ressalta que “o nível de competição e ênfase no programa competitivo tem sido um fator importante para as pessoas deixarem de praticar esporte como: (1) muita ênfase na vitória, (2) atividade mínima ou tempo insuficiente de jogo, e (3) falta de divertimento”.

Segundo CRATTY (1984) as crianças expostas a competição, passam por um estado de alegria ou depressão como resultado de suas atividades esportivas, a criança experimenta mudanças que se refletem numa diminuição ou aumento de auto-estima, e modificações nas medidas de ansiedade.

SEEFELDT (1980), citado por OLIVEIRA (1993) realizou uma pesquisa no Estado de Michigan, envolvendo mais de 100.000 atletas de 6 a 18 anos de idade, onde apontou alguns fatores que determinava a prática esportiva pelos jovens: prazer, se divertir, aperfeiçoar as habilidades esportivas, amizade, companheirismo e sucesso.

A competição não é o fator principal nos motivos da criança.

Para Oliveira (1993, p.22) “O prazer pela prática, a aprendizagem de novas habilidades, bem como o fator de estar com amigos, fazer novas amizades, sentir-se bem, realizar tarefas com sucesso, manutenção da aptidão física através de exercícios, são apontados em diversos estudos como principais fatores, na ordem apresentada, pelos quais as crianças participam em atividades físicas”.

Segundo MANKEL e KREISEL (1984) citado por OLIVEIRA (1993) “propiciar satisfação a outras pessoas, receber medalhas, troféus e outras recompensas, e mesmo vencer o jogo - ao contrário da opinião geral - estavam consistentemente colocados como as menos importantes, numa amostra de 822 jovens atletas, de 7 a 14 anos de idade.

Para OLIVEIRA (1993) a criança inicia na prática esportiva em busca da ludicidade, por isso a competição deveria ser desenvolvida apenas nas crianças que se interessam, e propiciar outras formas de atividades para aquelas que não estão interessadas na competição, para dessa forma atender seus interesses e manter sua motivação.

2.3.1 DESEJO DE SER APRECIADO (ACEITAÇÃO)

O desejo de ser apreciado, pode ser entendido como a necessidade que nós indivíduos temos de sermos reconhecidos pelos outros.

Segundo SAWREY e TELFORD (1976, p.28) “*Nós não desejamos apenas, nos associar com outras pessoas. Gostamos de receber adulações, aplauso e louvor, dos nossos companheiros. Isto representa prestígio, aceitação ou uma forma de superioridade. Torna-se uma necessidade por isso. A criança cedo descobre que muitas das maiores satisfações da vida surge do prestígio de alguém aos olhos dos outros.*”

ALDERMAN e WOOD (1976) citados por CRATTY (1984) realizaram um estudo com 425 jogadores de Hòquei e verificam que em uma lista de motivos elaborada pelos jogadores, a procura de acontecimento tensionantes ocupava o terceiro lugar, dando o primeiro e segundo lugares à necessidade de aceitação e procura de sucesso respectivamente.

Para SAWREY e TELFORD (1976) a aceitação varia de cultura para cultura, de geração para geração, e também muda com a idade e são diferentes para os dois sexos. Para as crianças muito jovens prestígio depende da aparência, se é bonita ou não. Para os meninos mais velhos, o prestígio torna-se mais um assunto de poder do que aparência, o melhor jogador, o mais ágil, o mais forte, esse sempre terá mais prestígio. Quando a menina está numa idade em que compete com os meninos com igualdade, o poder pode, dar um certo prestígio, mas em breve o poder é renunciado em favor da aparência.

Alguns autores afirmam que o ser humano compete devido a um instinto. Para LOBO (1973) “O ser humano tende a competir nos esportes devido a uma tendência instintiva existente em todos os indivíduos normais, que trata-se da necessidade de se sentir apreciado de um modo geral.”

Segundo SAWREY e TELFORD (1976, p. 31) “O atleta jovem pode desprezar muitos dos seus atributos e deixar de empenhar-se em reconhecer muitas áreas de atividades, porque pode super valorizar um grande prêmio por uma façanha atlética.

Deste modo, quando o atleta percebe ser competente no atletismo, receberá dele próprio uma elevada promoção. E poderá manter um autoconceito a ser respeito da sua falta de Realização em outras áreas. Um autoconceito aceitável ou a obtenção de um prestígio razoável aos olhos de outras pessoas, não depende da superioridade em tudo.

VIEIRA (1993) realizou um estudo com 94 atletas do sexo masculino de faixas etária de 15 a 17 anos, e obteve o seguinte resultado: “os atletas que têm baixa percepção de competência escolar, parecem querer sentir-se importantes, querem ser populares, querem ser notícia, querem vencer, querem ganhar medalhas.”

Segundo PIKUNAS (1979) citado por VIEIRA (1993) “a necessidade de status se estende à família, pares, escolar e comunidade, é um sentimento egocêntrico, que o adolescente tem de querer ser apreciado pelos pais, tal como ele é, de ser tratado em bases iguais, tentando de toda maneira ser atraente com os grupos de pares.”

2.3.2. AUTO-REALIZAÇÃO

A auto-realização está colocada dentro das necessidades básicas de Maslow, é um desejo de realiza-se, de conseguir sempre mais do que tem, chegar ao limite. A auto-realização tem vários sinônimos como: individuação, auto-atualização, auto-desenvolvimento, autonomia e produtividade.

MASLOW (1971) citado por PUENTE (1982,p.33) relata que “auto-realização e a tendência de realizar o potencial. Essa tendência pode ser expressa como o desejo de a pessoa tornar-se sempre mais do que é e de vir a ser tudo o que pode ser .”

HECKHAUSEN (1965,p.64) citado por WINTERSTEIN (1992,p.54) define auto-realização como, “o processo em busca da melhora ou manutenção da própria capacidade em todas as atividades nas quais existe uma norma de qualidade (onde se pode medir qualitativamente o próprio desempenho) e onde a execução pode levar a um sucesso ou a um fracasso”.

Segundo o autor o motivo de realização desencadeia reações que visam a busca de realizações. Em alguns estudos realizados sobre o motivo de realização foi constatado duas disposições ou tendências de personalidades: o medo do fracasso e esperança no sucesso.

CRATTY (1984, p.40) faz uma classificação de tipos segundo a motivação para o sucesso (realização). Segundo o autor:

“Um dos tipos enfrenta situações que implicam em sucesso com uma motivação muito alta para alcançá-la e tendo uma percepção de que tais situações trarão sucesso e que este é altamente valorizado. Esses indivíduos provavelmente escolherão objetivos alcançáveis em vez de “chutarem” alto demais ou baixo demais ao enfrentar desafios.”

“O segundo tipo classificado por especialistas interessados em necessidade de sucesso é constituído por indivíduos que procuram evitar o fracasso. Estes tem possibilidade de evitar as situações que implicam em sucesso ou derrota, ou terão muito cuidado ao escolher adversários e objetivos, tendo assim grande probabilidade de sucesso.”

“Um outro tipo de indivíduo, concentra-se em objetivos médios, tendo um passado razoavelmente bem sucedido no esporte. São boas as possibilidades futuras de sucesso de tais pessoas, por causa de sua grande necessidade de êxito e do esforço adequado que geralmente acompanha tal necessidade.”

Segundo ATKINSON (1957, p.368) citado por WINTERSTEIN (1992, p. 55)

“indivíduos com motivos de realização adequados escolhem metas que se encontram em um nível médio de dificuldade compatíveis com as capacidades, onde um resultado positivo depende do próprio esforço. Pessoas com medo do fracasso escolhem via de regra, objetivos

que se encontram abaixo dos rendimentos alcançados anteriormente ou inadequadamente acima destes.”

É importante sabermos que a auto-realização não acontece de forma igual nos indivíduos. (PUENTE, 1982)

Segundo VERNON (1973) em algumas pessoas o desejo positivo de realização é neutralizado ou mesmo sobrepujado por sua ansiedade em não fracassarem.

WINTERSTEIN (1992) após estudar vários autores recomenda algumas medidas que podem ajudar na apropriação do motivo de realização. O autor coloca que esta lista deve aprendida não só pelo aluno mas também pelo professor ou técnico, pois todos os indivíduos envolvidos no processo, reconheçam a necessidade e viabilidade das mudanças.

O autor também ressalta que esta lista não pode ser entendido como uma “Receita”, mas sim como recomendações que podem auxiliar no trabalho dos professores, treinadores e educadores.

“1. Devem ser oferecidas atividades com diferentes níveis de dificuldade dentro de uma mesma estrutura de tarefas.”

“Importante aqui é oferecer um espectro de tarefas que vão desde as mais fáceis, realizáveis pelos alunos menos aptos, até aquelas que sejam tão difíceis que os alunos mais aptos não consigam realizar.”

“2. Os alunos devem ter a possibilidade de escolher; por si próprios os níveis de dificuldade das tarefas”. “Assim, o aluno passa a comparar seus resultados a rendimentos próprios alcançados anteriormente.”

“3. Durante as tarefas deve se dar tempo suficiente para os alunos experimentarem os diferentes níveis de dificuldade.”

“4. Durante o transcorrer da aula os alunos devem ter oportunidades de perceber e vivenciar sucessos e fracassos que sejam determinados principalmente através da escolha do próprio grau de dificuldade, da capacidade de concentração e da predisposição para o esforço.”

“5. A avaliação deverá, sempre que possível, se basear em uma Norma Individual.”

(WINTERSTEIN, 1992, p. 58)

CRATTY (1984, p.40) coloca, que quando for trabalhar com indivíduos inseguros que tenham um passado de fracasso será terrível, pode-se:

“(1) Ajudá-lo a verbalizar e internalizar objetivos médios que possam ser alcançados então (2) auxiliá-lo a obter um sucesso moderado, razoável no esporte.”

2.3.3. INFLUÊNCIAS DA TORCIDA

CRATTY (1984, p.190) afirma que “A qualidade da atuação do atleta estão, em grande parte, influenciadas pela presença e atitudes da Torcida a seu favor e contra.”

Segundo o autor inúmeros fatores agirão sobre a performance do atleta quando ele se depara com a torcida, até mesmo o fato de atuar só ou em grupo. Outro fator importante é a personalidade do atleta que pode ser influenciada diante a torcida, as pessoas com níveis de ansiedade alto, têm maior probabilidade de mostrar mais fracassos no desempenho do que aqueles cujos os níveis de ansiedade são baixos. Indivíduos que não têm grande necessidade de sucesso reagem mais positivamente ao aplauso e têm uma melhor atuação.

LOBO (1973, P.79) relata que *“é favorável ou não a eles. O simples barulho os incentiva, especialmente em competições coletivas e movimentadas, como o futebol, voleibol e o pugilismo (entre outras) os participantes, quase sempre, conseguem rendimentos muito maior quando os torcedores se externam ruidosamente. Nesses casos, os competidores, muitas vezes, não sabem se a gritaria quando produzido por multidões.”*

Outro aspecto importante no estudo da influência da torcida sobre o atleta, e com relação a educação da criança. Segundo CRATTY (1984) o modo que a criança é educada e as relações entre pais e filhos podem influenciar mais tarde quando o atleta se defronta com a torcida.

PAIVO (1964) citado por CRATTY (1984, p.195) relata que ao estudar o que nomeou de “sensibilidade à torcida causada por educação na infância” constatou que “as mães que não fazem caso do sucesso e punem o fracasso, terão filhos extremamente angustiados na presença do público.”

Segundo LOBO (1973) outro fator importante é com relação ao ambiente esportivo em que o atleta está acostumado, aqueles atletas que vivem em lugares onde a torcida se manifesta

intensamente, não se sentirá motivado perante uma torcida silenciosa, o mesmo se dá com atletas que estão acostumados com torcedores silenciosos, que se deparam com manifestações entusiásticas dos torcedores.

A influência da Torcida sobre a criança depende também da idade e experiência desta.

Segundo CRATTY (1984, P.195) *“as crianças tem possibilidades de ser influenciadas, em grande parte, por apelos verbais e pela torcida. O que se disser a um garoto de seis ou doze anos, provavelmente lhe dará estímulo para atuar melhor. Encorajamento traduzir-se-á em aumento de atuações; não raro, poderá fazer das tripas coração ao empreender atividades físicas a fim de agradar a amigos e a não amigos.”*

O autor ainda coloca que na pré-adolescência, os jovens se detém mais aos valores intrínsecos da prova esportiva, e não dá muita importância ao que lhe for dito. Pode também não reagir em resposta a torcida, como teria feito um ou dois anos antes.

GOULD (1984) citado por OLIVEIRA (1993, p.23) aponta alguns aspectos que devem ser observados nos jovens atletas. “...verificar se o atleta é melhor nos treinamentos e na prática, do que na situação real de jogo, se as crianças estão tendo problemas de insônia, sentindo-se “perdidas” antes do evento competitivo, se elas apresentam fortes mudanças de personalidade antes da competição, ou reclama de doenças na noite anterior do jogo.”

2.3.4. RECOMPENSAS COMO MOTIVADOR

Medalhas, troféus e prêmios são utilizados para se manter a motivação, mas deve-se tomar certos cuidados, pois SIEDENTOP; RAMY (1977) citado por OLIVEIRA (1993, P.23) afirma que a persistência no reforço à premiação (motivação externa), pode fazer com que o jogo se torne uma forma de trabalho. Este autor ainda ressalta que “a falta ou ausência de motivação interna torna-se preponderante nos motivos que levam o jovem a se retirar dos campos esportivos.”

Segundo DECI (1972) citado por CRATTY (1984) no início a criança se coloca como tendo o controle da situação, dos seus níveis de desempenho e sucesso, ao passo que são

oferecidos prêmios externos ela percebe que não tinha esse controle, desta forma começa a atribuir o sucesso ou fracasso a fatores externos a si mesma.

CRATTY (1984, p.151) acrescenta que *“Em relação a essa hipótese, foi usado o termo “sobrejustificação” significando que as pessoas a princípio motivadas intrinsecamente podem ter seu comportamento minado através da administração de recompensas externas de alto valor estimulante, prêmios esses que, se continuados, farão com que os jogadores achem que suas ações, foram motivadas por tais prêmios. O resultado final será o desempenho visto como meio para um fim - o prêmio - em vez de ser um meio de satisfação em si mesmo.”*

Geralmente não é necessário as recompensas exteriores, pois a própria atividade, já é um fator motivante para a criança.

OLIVEIRA (1993) ressalta que as recompensas externas e metas maiores, não são necessárias, para a motivação na criança, a própria experiência “em si mesma” é suficiente para ela se sentir bem com relação à performance de algumas tarefas motoras.

GERSON (1978) citado por CRATTY (1984, p.151) afirma que *“embora a princípio a criança possa gostar de movimentos lúdicos, jogos e esportes pouco organizados, talvez arranjados por companheiros, se ela é introduzida numa situação competitiva completa, com troféus, medalhas e outras recompensas e dirigida por adultos, pode, então encarar o esporte, a participação física e sua experiência total no esporte sob uma luz diferente da de antes.”*

LEPPER & GREENE, (1974), CALDER & STAW, (1975) citados por CRATTY (1984, p.151) realizaram algumas pesquisas que serviram para apurar os significados visíveis das interações de prêmios, motivação intrínseca e extrínseca com o desempenho de crianças. Tais pesquisadores chegaram a seguinte conclusão:

“1. Os adultos ao observarem uma criança atuar, como forma de recompensa externa (ou castigo) diminuirão a motivação intrínseca na tarefa”. (LEPPER & GREENE; 1974)”

“2. Se forem esperadas recompensas externas, a criança, provavelmente, tornar-se-á menos motivada intrinsecamente; contudo, se não houver recompensas externas, ou se elas

forem dadas inesperadamente, haverá apenas uma pequena diminuição da motivação intrínseca. (GREENE & LEPPER; 1974) ”

“3. Se a tarefa é, desde o princípio, muito interessante para a criança, as recompensas externas diminuirão a motivação intrínseca, ao passo que, se a tarefa é inicialmente percebida como “cacete”, a motivação intrínseca pode ser aumentada pela oferta de recompensas externas (CALDER & STAW; 1975) ”

Outros estudos foram realizados por SAWREY e TELFORD (1976) onde foram estudados comparativos entre: o reconhecimento, o elogio, os sinais de aprovação, censura e os prêmios.

Os estudos indicaram que, a censura perde o seu efeito muito mais rápido e numa extensão muito maior do que o prêmio. O uso indiscriminado do elogio diminui, também, rapidamente, o seu efeito. Foi encontrado uma pequena diferença entre os sexos, no modo de reagir aos incentivos: as meninas são relativamente influenciadas pela censura.

Segundo CRATTY (1984, p.151) “as crianças menores (de cinco a seis anos) não parecem perder seu interesse intrínseco na tarefa ao receberem recompensas externas pela participação, ao passo que as mais velhas mostram diminuição de sua motivação intrínseca quando lhes são oferecidos prêmios externos.” Essa diferença na idade é devido ao fato de que as crianças mais novas não processam corretamente todas as informações e a relação de causa e efeito em determinadas situações, já as mais velhas, possuem maior aptidão para processar informações. (CRATTY; 1984)

THOMAS e TENNANT (1978) citados por CRATTY (1984) através de pesquisas realizadas, verificaram que os efeitos daninhos das recompensas externas, dependem da fixa etária das crianças expostas a situações que relacionam desempenho com prêmio. Verificaram que as crianças de 5 a 9 anos que receberam prêmios externos para mudanças de desempenho específicos, todas mostraram maiores níveis de motivação intrínseca. Quando recompensava a criança externamente a motivação intrínseca era prejudicada, pelo simples fato de participarem da tarefa, independentemente dos níveis de desempenho que elas atingiam. Nas crianças mais velhas, que foram avaliadas nessa pesquisa, esse efeito era evidente.

Após rever vários estudos CRATTY (1984) coloca algumas observações com relação a motivação infantil no esporte.

“1. Deve-se usar de cautela ao se decidir sobre o tipo de recompensa oferecida, até que idade essa recompensa é dada e quais os critérios para conferir prêmios externos.

2. Pode-se aumentar a motivação intrínseca quando se premiam crianças com cuidado, ao mostrarem visíveis melhoras na atuação e quando se lhes dá verbalmente estímulos pelos seus esforços.

3. Na meninice, deve-se tomar cuidado especial para não prejudicar a motivação intrínseca através de recompensas externas que tenham grande valor e que são dadas para a participação em geral em vez de serem oferecidas quando houver visíveis melhoras no desempenho. (ROBERTS; 1975)

4. ALDERMAN (1978) indica que as crianças devem ser recompensadas com cuidado e com frequência ao aprenderem uma tarefa e ao mudarem o desempenho de modo preciso. Após a aprendizagem da tarefa ou da técnica do esporte, contudo é recomendado o uso de reforçadores externos com maior moderação e interminência.”

2.3.5. MOTIVOS PESSOAIS

Existem várias razões pelas quais a criança ou adolescente iniciam no esporte. Mas devemos ficar atentos pois estes motivos segundo CRATTY (1984) são extremamente variáveis e difíceis de serem reduzidos a conceitos rígidos.

Vamos expor aqui alguns dos motivos desta iniciação desportiva, e também os motivos do abandono desta prática.

MURRAY citado por CRATTY (1984), formulou lista de “necessidades psicogênicas” em contraste com necessidades “viscerogênicas”, basicamente biológicas. Cratty afirma que esta lista pode ser refletida em várias condutas dos atletas e sua participação desportiva pode ser influenciada também por experiências primitivas ou acontecimentos, situações e pessoas mais recentes. A seguir alguns tópicos da lista de necessidade de MURRAY:

<i>Lista de necessidades de Murray</i>	<i>Conduta em situações esportivas</i>
<i>Necessidade de manter status, evitar humilhação e superar derrotas.</i>	<i>A maioria das competições atléticas permite a realização destas necessidades em graus variados. A deterioração fisiológica de alguns atletas depois que se aposentam pode ilustrar a superdependência desse motivo durante suas carreiras competitivas.</i>
<i>Necessidade de ser aceito, formar relações afetivas com outros, ser amável, cooperativo.</i>	<i>Muitos atletas ingressam num time por esse motivo. Frases do tipo “para o bem do time” são muito empregadas pelo técnico, refletindo assim a consciência desse motivo nos seus atletas</i>
<i>Necessidade de prestígio, auto-afirmação, sucesso, reconhecimento, ambição, exibição.</i>	<i>Os técnicos apelam muito para essa necessidade quando os atletas, antes de importantes competições, vão enfrentar times que, no passado, causaram, ou ainda podem causar, humilhação através da derrota.</i>

(MURAY citado por CRATTY.1984 p.37)

Segundo CRATTY (1984, p.37) os motivos para participar em um determinado esporte pode estar combinados com acontecimentos passados e próximos, ambos atuando sobre a consciência do atleta. Quando o jogador corre o campo de futebol, sua necessidade —

biológica de atividade poderá se combinar com a necessidade de segurança pessoal representada pela recompensa pecuniária. A necessidade biológica de seduzir o sexo oposto pode cominar com a necessidade de status (social) quando um aluno de escola secundária escolhe fazer parte do time atlético do mesmo. A necessidade de dominar o ambiente pode ser emparelhado com o impulso gregório, como é o caso de um jovem que se junta a uma equipe de tênis.

MCPHERSON, (1982) citado por OLIVEIRA, (1993) expõe alguns fatores que podem influenciar o comportamento da criança no processo de interação com o meio social e a atividade física.

“O núcleo familiar, pela influência de pais e irmãos; seus parentes mais próximos; sua escola, pelo exemplo dado por professores e técnicos; pela Igreja, em especial quando estimula a prática desportiva; pelos clubes esportivos; envolvendo técnicos, pais, colegas e árbitros, desempenhando sua função social; através de grupos de amigos e vizinhos, e através dos meios de comunicação, cada vez mais abrindo espaços para a transmissão de grandes eventos desportivos, ou envolvendo a prática de atividade física.”

Um fator que é preocupante e que está fazendo com que ocorra o abandono da prática esportiva e o stress de competição. Segundo SCANLON (1984) citado por OLIVEIRA (1993) relata que o medo de errar, de perder o jogo podem vir a causar o stress de competição. Para o autor o stress de competição é uma reação emocional negativa de uma criança, quando sua auto-estima é ameaçada. O stress de competição tende a aumentar com a idade e é mais visível na idade de 12 anos, onde o abandono da prática esportiva atinge seu limite máximo.

OLIVEIRA (1993) menciona que para acabar com o stress de competição seria necessário não dar tanta ênfase na vitória, mas sim ao ensino de habilidades motoras e esportivas, dando ênfase no esforço individual; melhor preparo do treinador, para que ocorra mais comunicação com a criança e desenfazendo conquistas e outras formas de premiações. É importante também uma boa interação entre pais, técnicos e a criança, para uma prática saudável e equilibrada.

Segundo ROBERTS (1984) citado por OLIVEIRA (1993) 80% das crianças norte-americanas entre 12 a 17 anos, matriculadas em programas de esportes organizados, abandonaram a prática deste esporte.

GOULD (1984) citado por OLIVEIRA (1993, p.23) aponta alguns dos principais fatores que determinam esse abandono. “A excessiva ênfase na vitória, a falta de sucesso, o envolvimento em outras atividades e outros interesses, como: desconforto, derrota, situações constrangedoras, falta de motivações, contusões e forma de seleção para as principais equipes.

ANSHEL (1991) citado por OLIVEIRA (1993, p.23) acrescenta que “o fato de reforçar a comparação entre crianças de diferentes níveis, falta de conhecimento de suas capacidades e baixo nível de motivação interna, são fatores que explicam a fuga desses jovens atletas dos programas onde os mesmos se encontravam participando.”

VIEIRA (1993) realizou uma pesquisa com jovens do sexo masculino de idade entre 15 a 17 anos e chegou a seguinte conclusão dos motivos para a prática esportiva:

- O fator afiliação parece ser o motivo mais importante para a prática do esporte, tanto nas modalidades coletivas quanto as individuais.

- As variáveis sucesso/status e afiliação foram as que melhor explicaram as diferenças entre os motivos para a prática do esporte. Estes resultados foram mais relevantes para os atletas dos esportes coletivos, os quais parecem se engajar, no esporte, buscando o relacionamento com o grupo de amigos e o sucesso/status.

- Para os atletas com alta percepção de competência atlética, nas modalidades de esporte individual, este estudo permite-nos supor que o motivo principal para o envolvimento na prática é desenvolver habilidades. Aqueles com maior percepção de competência social, nos esportes coletivos, tendem a motivar-se mais pela liberação de energia. Para os atletas com percepção de competência escolar mais intensa dos esportes coletivos, o motivo de sucesso/status parece ser o de maior importância. Aqueles atletas com percepção de aparência física elevada, nos esportes coletivos, citaram os motivos de aptidão como mais importantes, enquanto os dos esportes individuais destacaram os motivos de afiliação.

CONCLUSÃO

Fica evidente a importância da motivação na iniciação desportiva, e a necessidade dos profissionais da área terem o conhecimento deste assunto, assim como os fatores que influenciam a motivação, para desta forma estes profissionais levem a criança ou adolescente a uma constante e prazerosa

A ênfase na competição, na vitória, nas medalhas, no melhor desempenho, não é necessariamente o que a criança precisa para se motivar para a prática esportiva. Ao contrário, podem fazer com que a criança perca o interesse pela atividade.

Deve-se avaliar o desempenho das crianças individualmente, sem que ocorra a comparação das habilidades.

Outro fator importante é que não aconteça na prática desportiva a classificação, que todas vivenciem todos os tipos de atividades.

Para a maioria das crianças o prazer pela prática esportiva, o divertir-se é mais importante que medalhas e recompensas. Por isso, deve-se dar mais ênfase em atividades lúdicas, onde exista o respeito na individualidade de cada um sem comparações de habilidades e classifica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALÇÃO, Y. F e Cordeiro, L. L. O Comportamento Humano na Empresa. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- COSTA, M. R. Ferreira da, Competição para Crianças: uma Abordagem Desenvolvimentista. U. F. PR. Ed. Synopsis, Volume 5, 1994.
- CRATTY, B. J. Psicologia no Esporte. Rio de Janeiro, Ed. Printice-Hall, 1984
- KELLY, A. W. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1969.
- LOBO, R. H. Psicologia dos Esportes. São Paulo, Ed. Atlas S/A, 1973.
- OLIVEIRA, A. R. Aspectos Psicosociais da Criança Atleta nos Estados Unidos. APEF - V8 - N° 15.
- PUENTE, M. de La. Tendências Contemporâneas em Psicologia da Motivação. São Paulo, Cortez, 1982.
- SAWREY, J. M. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro, Ed. Ao Livro Técnico, 1976.
- VERNON, M. D. Motivação Humana. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1973.
- VIEIRA, F. L. A Relação entre a Percepção de Competência de Atletas Adolescentes e seus Motivos para a Prática Esportiva. U.E.M., V 4, N° 1, 1993.
- WINTERSTEIN P. J. Motivação, Educação Física e Esporte. Revista Paul. Educ. Fís, São Paulo, 6 (1): 53-61, jan./jun. 1992.
- RODRIGUES, M. Psicologia Educacional - Uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo, Ed. McGraw-Hill, 1976.
- NÉRICI, I. G. Introdução à Didática Geral. Dinâmica da Escola. São Paulo, Ed. Fundo de Cultura S.A., 1971.